

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

MIGUEL SURUÍ

MARCADORES DE TEMPO DO POVO *PAÍTER*

**Barra do Bugres
2016**

MIGUEL SURUÍ

MARCADORES DE TEMPO DO POVO *PAÍTER*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Matemáticas e da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S962m SURUÍ, Miguel.

Marcadores de tempo do Povo *Paítér* / Miguel Suruí. – Barra do Bugres, 2016.

31 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva.

1. Tempo Social. 2. Meio Ambiente. 3. Etnomatemática. I. Silva, A. A. da, Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

MIGUEL SURUÍ

MARCADORES DE TEMPO DO POVO *PAÍTER*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Matemáticas e da Natureza.

Barra do Bugres, 26 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Professor orientador

Prof. Dr. João Severino Filho
Professor Avaliador

Prof. Esp. Walderson Ribeiro do Nascimento
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Sou, primeiramente, grato a Deus por ter me confiado a esta vida. E ao professor Dr. Adailton da Silva, por ter me aceitado como orientando, pela confiança em mim depositada ao me dar liberdade e apoio para escolher o enfoque da pesquisa que melhor respondesse às minhas inquietações.

Aos anciões da minha comunidade como José Itabira Suruí, Nema Suruí e a minha mãe Robiab Suruí, sempre pronta a atender minhas solicitações das informações, sem as quais não seria possível realizar esta pesquisa.

À equipe técnica e docente da Faculdade Indígena Intercultural da Unemat, principalmente, a Mônica, Ninha e Wellington, sempre pronto a ouvir e a levantar questionamentos sobre o trabalho, imprescindíveis para a condução da pesquisa e sempre companheiros durante os estudos para cumprir os créditos das disciplinas.

Aos todos os amigos e parentes alunos da Faculdade Indígena, por serem companheiros desta longa jornada durante a vida acadêmica. Colegas que dividiram os risos e as aflições durante essa caminhada.

À Mapilor, minha esposa, e aos meus filhos, por entenderem que minhas conquistas são suas conquistas e por me apoiarem durante toda a jornada. Em nome de Ana Neri, agradeço a equipe Setor da Educação da FUNAI regional de Cacoal/RO, por estar sempre pronta para atender e dar suporte a cada etapa presencial e intermediária.

RESUMO

Os meus estudos sobre marcadores de tempo indígenas do povo *Paíter* tendem a concebê-los como uma manifestação do conhecimento que povos têm sobre o tempo, os fenômenos naturais e as relações que eles estabelecem entre esses fenômenos, o ambiente e a vida social. Refletir sobre o tempo na perspectiva etnomatemática intenta fortalecer o lugar das ideias onde elementos constitutivos da atividade humana: contar, mensurar, classificar, ordenar, dentre outros. As minhas observações conseguidas durante as pesquisas e convívio com a minha comunidade indígena *Paíter* levaram-me às indagações centrais do projeto de pesquisa de graduação em Ciências da Matemática e da Natureza. As respostas a essas perguntas convergirão em estudos sobre o conhecimento de povos indígenas *Paíter* e suas epistemologias, a partir das explicações presentes nas narrativas sobre as relações que estabelecem entre tempo e cotidiano.

Palavras-chave: Meio ambiente. Tempo social. Etnomatemática.

RESUMO NA LÍNGUA PAÍTER

Ah omãh sodigeh sadanã Paíter emãsoeh mãm anã e. Kãna gahrbá saméh mãm matér Paíter kabi tahr áh yede saméh anã e. Eéwe nekoy yakadenãn iwe saméh ekar gúya xiter enã sõe saméh iwayehy ka enan e. Kád emih bo Paíter a aweitxáh gahrbá ka poh yede mim e. Kãna palóh mãm matér gúya gahrbá katáb saméh ikin a enã e. Ayab e tíg ekar ojanã nã e. Garáh mãm meremãhme, sobagey, ayab epíh máwe sadéh amentérih ãni éwe. Eébo éwe sadenãn guya ter enã palóh mãm kobáh yede saméh nãn awe mãm ga toykabi enã e.

Palavras-chave: Máwe amitóhr. Paíter eweitxáyede. Paíter akobáh yede

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Primeiro contato do povo <i>Paíter</i> com os não índios.	11
Figura 2 –	Aldeia da linha 14, em Espigão D’Oeste.	12
Figura 3 –	Localização da Terra Indígena Sete de Setembro	13
Figura 4 –	Integrante do clã <i>Kaban</i> oferecendo xixa ao outro subclã em forma de respeito.	14
Figura 5 –	Roça plantada de milho.	16
Figura 6 –	Preparando a roça para o plantio.	18
Figura 7 –	As principais fases do tempo para o povo <i>Paíter</i>	19
Figura 8 –	Início da preparação da roça.	20
Figura 9 –	Roça sendo queimada para o plantio.	21
Figura 10 –	Processo de encoivramento da roça	22
Figura 11 –	Início do plantio.	23
Figura 12 –	Plantação de milho do povo <i>Paíter</i>	24
Figura 13 –	Semente da seringueira	25
Figura 14 –	Mulheres <i>Paíter</i> , aldeia Apoena Meirelles	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – HISTÓRICO DO CONTATO DO POVO PAÍTER/SURUÍ.....	11
1.1	Localização geográfica do povo <i>Paíter</i> 13
1.2	Nome e língua do povo <i>Paíter</i> 14
1.3	Organização social 15
1.4	Festa e rituais praticados pelos <i>Paíter/Suruí</i> 15
1.5	Atividades produtivas 15
1.5.1	As roças..... 17
CAPÍTULO II – O TEMPO PARA O POVO PAÍTER.....	19
2.1	Fases do ciclo temporal do povo <i>Paíter</i> 19
2.2	Primeira Fase: <i>Gáoh Saráneh</i> (início do ciclo com formação da roça)..... 20
2.2.1	Marcador de <i>Gáoh Saráneh</i> 21
2.3	Segunda Fase: <i>Gáoh Pabíb ítehr</i> (Queimada da Roça) 21
2.3.1	Marcadores de <i>Gáoh Pabíb ítehr</i> 22
2.4	Terceira Fase: <i>Gáoh Bobmáhb</i> (Limpeza da Roça)..... 22
2.4.1	Marcadores de <i>Gáoh Bobmáhb</i> 22
2.5	Quarta Fase: <i>Lóy Ikaráhmãhniga</i> (primeiras chuvas e plantios) 22
2.6	Quinta Fase: <i>Loyíhbi Pabíb íhter</i> (milho verde) 23
2.7	Sexta Fase: <i>Loyíhbi Bobmáhb</i> (estoura da semente da seringueira) 24
2.8	O tempo para mulheres <i>Paíter</i> 25
2.9	O tempo para crianças <i>Paíter</i> 27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
CONSULTORES NATIVOS.....	29

INTRODUÇÃO

O tema escolhido por mim é de suma importância para o povo, “Os marcadores de tempo do povo *Paíter*”, técnica através da qual o povo tinha a facilidade de acompanhar o tempo e promover as festas tradicionais e importantes para nossa cultura, até a década de 80 (oitenta). Porém, de lá para cá, aos poucos, este conhecimento foi deixado de lado pela própria comunidade, dando espaço ao conhecimento externo, cada vez mais presente entre os *Paíter*, que começaram a acompanhar o tempo, como exemplo, o relógio, calendário e os meses do ano. Principalmente, a geração atual do povo que não se interessa mais em aprender, por falta de motivação dos pais.

Por esta razão, o objetivo desta pesquisa é lembrar os marcadores de tempo que foram utilizados pelo povo *Paíter*. Para isso, coletamos dados sobre os conhecimentos dos anciões para que isso se torne, em algum dia, em registro ou até mesmo em livro didático, a partir do qual os alunos possam estudar e voltar a conhecer e praticar este método de conhecimento do nosso povo.

Outro objetivo esperado é que através desta pesquisa possa haver um caminho de revitalizar várias práticas culturais que estão sendo deixadas de lado pela comunidade.

Para atingir os objetivos propostos, foram utilizados como ferramentas metodológicas o levantamento bibliográfico, observações empíricas da realidade, entrevistas, gravações e aquisição de imagens através de filmagem e fotografias que registram as etapas que compõem os marcadores de tempo, os quais englobam os ciclos do tempo.

As entrevistas foram divididas entre os três anciões para abranger o maior número possível de informações e coleta de material. Consistiu, principalmente, no diálogo com os anciões José Itabira Suruí, Nema Suruí e Robiab Suruí que carregam o acervo cultural dos *Paíter/Suruí* e mantêm viva sua cultura. Foram entrevistadas também algumas pessoas com idades intermediárias, como forma de adaptação e sobrevivência entre dois mundos de marcadores, um remoto e ancestral e outro contemporâneo, fruto da realidade em que atravessam, porém, estes dois mundos se distanciam cada vez mais.

As entrevistas foram, na maioria, gravadas para garantir o teor completo das conversas, e seus conteúdos transcritos à mão. Os anciões entrevistados foram fotografados para manter o acervo, sendo que se usou uma gravadora de voz para registrar quase todas as falas sobre as etapas de tempo.

Foram também registrados os momentos em que saímos da aldeia para observar as características da floresta que indicavam alguns norteadores de tempo. Quando eu observava,

registrava o que o ancião falava sobre as características das plantas, assobios de alguns pássaros, rios e os comportamentos de animais.

Assim, para desenvolver esta pesquisa sempre procurei estar próximo dessas pessoas dispostas a contribuir. Acredito muito que este conhecimento será muito importante e útil para o próprio povo, pois trará a revitalização dos conhecimentos dos tempos por meio dos registros que poderão ser utilizados por eles, e também pelos alunos nas escolas.

CAPÍTULO I – HISTÓRICO DO CONTATO DO POVO *PAÍTER/SURUÍ*

Figura 1 – Primeiro contato do povo *Paíter* com os não indígenas



Fonte: Jesco von Puttkamer/acervo IGPHA-UCG, 1969.

Os *Paíter* mantêm na lembrança, transmitida de pai para filho, através da oralidade, um tempo em que teriam migrado da região de Cuiabá para Rondônia, no século XIX, fugindo da perseguição dos não índios. Na fuga, entraram em choque com outros grupos indígenas e não indígenas. Mas no fim do século XIX, até a década de 20 do século XX, com a exploração da borracha, a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré e a instalação das linhas telegráficas por Rondon, o fluxo migratório para Rondônia foi grande e seus efeitos se fizeram sentir sobre a população indígena na região, acarretando muitas lutas e mortes.

No período de 1940 a 1950, um novo ciclo econômico da borracha e a mineração de cassiterita promoveram o crescimento de 50% na população do então território Guaporé (criado em 1943 e que veio a se chamar "Território de Rondônia" em 1956 em homenagem a Cândido Rondon). Consequentemente, sobretudo, a partir dos anos 50, novamente os *Paíter* tiveram que abandonar as suas aldeias. Essa época é lembrada em cantos e relatos, como o do herói *Waiói*, que já convivera com não índios no início do século XX e que, sem ser

acreditado, contava ao seu povo a vida daquela gente que comia arroz e feijão e tinha panelas, facões, machados e armas de fogo.

A migração é ainda mais intensa a partir dos anos 60, quando Rondônia passa a ser uma das áreas de maior expansão agrícola. Um crescimento de tal ordem resultou em conflitos fundiários e pressão sobre as áreas indígenas. O quadro de crescimento econômico e o aumento das desigualdades sociais acirraram conflitos entre índios, fazendeiros, agricultores, seringueiros e outros extrativistas.

Os *Paíter* foram oficialmente contatados pela FUNAI em 1969, por meio dos sertanistas Francisco Meirelles e seu filho Apoena Meirelles, no então acampamento da FUNAI denominado Sete de Setembro, quando nesse ano visitaram o acampamento, fundado um ano antes, no dia sete de setembro de 1968, esse ficou sendo também o nome da principal da terra dos *Paíter*.

Os *Paíter* só passaram a morar de forma permanente no posto em 73, quando vieram buscar assistência médica em razão de uma epidemia de sarampo que matou cerca de 300 pessoas. Cerca de um terço da população continuou a morar fora da área indígena, perto da vila de Espigão do Oeste, mudando em 1977 para outro posto da FUNAI criado então, a linha 14.

Figura 2 – Aldeia da linha 14, em Espigão D'Oeste.



Fonte: Mascos Santili, 1977.

A conturbada história das demarcações e "desmarcações", que deram origem à boa parte das terras indígenas de Rondônia, se aplica também a Terra Indígena Sete de Setembro criada para os *Paíter*. A demarcação dessa Terra Indígena se deu em 1976, e a posse permanente foi declarada pela portaria nº 1.561 de 29 de setembro de 1983, pelo então presidente da FUNAI Octavio Ferreira Lima, momento em que recebeu o nome oficial de "Área Indígena Sete de Setembro". Sua homologação saiu no mesmo ano através do decreto nº 88.867 de 17 de outubro de 1983, pelo presidente João Figueiredo.

A partir dos anos 80, alguns jovens *Paíter* que dominavam a língua portuguesa em razão da necessidade de diálogo com os brancos, levaram suas reivindicações até a FUNAI. Nessa época cresceu entre os *Suruí* a consciência de como se constitui a sociedade brasileira e a necessidade de lutar pela defesa de seu território e de sua vitalidade cultural. Foram feitas viagens a Brasília para acompanhar passos da administração da FUNAI e fazer reivindicações. Nesse contexto, algumas tradições renasceram e os mutirões e festas persistiram, porém, se adaptando aos novos padrões agrícolas, como o cultivo de arroz e uma maior dispersão da população.

1.1 Localização geográfica do povo *Paíter*

Figura 3 – Localização da Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+terr+sete+de+setembro>

A Terra Indígena Sete de Setembro, onde vivem os *Paíter*, está localizada em uma região fronteiriça, ao norte do município de Cacoal (estado de Rondônia) até o município de Rondolândia (estado do Mato Grosso). Chega-se à área, a partir de Cacoal, através das linhas de acesso 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 14, (são linhas do projeto de colonização que chegam até a terra. No final dessas linhas, foram criadas as aldeias para impedir a invasão da terra, pelo incentivo da FUNAI.) Pelo fato das aldeias estarem distribuídas ao longo dos seus limites, tanto por questões de segurança quanto de aproveitamento de antigas sedes de fazendas desocupadas por invasores que se estabeleceram dentro da área nas décadas de 70 e 80.

A Terra Indígena Sete de Setembro é banhada pela bacia do rio Branco, afluente do rio *Roosevelt* que se forma, a partir da junção dos rios Sete de Setembro e Fortuninha. Os principais afluentes do rio Branco que drenam a área são o Ribeirão Grande, rio Fortuninha e a Fortuna, na margem direita. Na margem esquerda, há os rios Igapó (nomeado pelos *Paíter*), rio São Gabriel e outros sem denominação em carta topográfica.

1.2 Nome e língua do povo *Paíter*

Figura 4 – Integrante do clã *Kaban* oferecendo xixa ao outro subclã em forma de respeito



Fonte: Romero Mopidapenem Suruí, 2011.

Os *Paíter* de Mato Grosso e Rondônia autodenominam-se *Paíter*, que significa "gente de verdade, nós mesmos". Falam uma língua do grupo Tupi e da família linguística Mondé. Apesar das pressões que sofrem por parte dos não índios, que têm contribuído para diversas mudanças no grupo, os *Paíter* ainda mantêm muito das suas tradições, tanto no que diz respeito à cultura.

1.3 Organização social

O povo *Paíter* se organiza em metades compostas por grupos isogâmicos (praticam a união ou casamentos de membros diferentes grupos étnico-raciais) patrilineares (fundamenta na descendência paterna. O parentesco, a herança, o sobrenome e a autoridade são transmitidos do pai para os filhos): *Gamep* (marimbondos pretos), *Gamir* (marimbondos amarelos), *Makor* (taboca) e *Kaban* (mirindiba, fruta regional da floresta amazônica).

Os *Paíter* são poligâmicos. Mantêm o casamento avuncular, isto é, a regra de casamento em que o homem se casa com a filha de sua irmã. Também há ocorrência de casamentos entre primos cruzados. Já primos paralelos são considerados irmãos, portanto, não devem se casar.

1.4 Festa e rituais praticados pelos *Paíter/Suruí*

A cultura do povo *Paíter* é riquíssima e apresenta uma grande diversidade de rituais, tais como: o *Mapimaí* (criação do mundo), o *Ngamangaré* (formação da roça nova), o *Weyxomaré* (pintura), o *Hoeyateim* (festa em que o xamã controla os espíritos da aldeia), o *Lawaãwewa* (construção de casa nova) e o *Ytxaga* (pesca com timbó). Alguns rituais de passagem são praticados, como o da Menina Moça, que marca a passagem da infância para a adolescência na primeira menstruação da jovem.

É importante destacar que as festas e danças tradicionais sofreram muitas alterações, e muitas vêm, aos poucos, sendo abandonadas devido aos conflitos ideológicos com as novas religiões introduzidas nas comunidades indígenas. A festa ritualística *Mapimaí*, por exemplo, foi realizada no ano de 2002, depois de 12 anos sem ser realizada e segundo os *Paíter Suruí*, a festa foi retomada em memória à morte de alguns deles.

1.5 Atividades produtivas

Figura 5 – Roça plantada de milho

Fonte: Do autor, 2016.

Os *Paíter* possuem grande domínio da agricultura e as roças familiares são cultivadas por grupos de irmãos, nas quais se plantam uma variedade de produtos como o milho, mandioca, batatas, inhames, feijão, arroz, banana, amendoim, mamão e algodão. O sistema de plantio é o da agricultura de coivara, cada roça sendo abandonada depois de dois anos de uso. Portanto, este intervalo e o tempo que se leva para o consumo das cultivares plantadas, pois são abandonadas para formarem outra roça nova, onde as plantações se desenvolvem muito melhor. Estes lugares são frequentados novamente, aproximadamente dez anos depois.

No que diz respeito à divisão sexual do trabalho, tradicionalmente, cabe aos homens caçar, derrubar as árvores para a roça e fabricar flechas; enquanto que as mulheres fiam, fabricam cerâmicas e cestaria, cozinham, colhem e cuidam das crianças. Homens e mulheres plantam e pescam.

Dedicam-se à coleta de frutos, mel, larvas, palmito e outros produtos da floresta. Após 1981, ao se tornarem donos dos cafezais dos invasores expulsos, passaram a vender café para

o mercado. A renda monetária é usada em produtos hoje indispensáveis, como roupas, ferramentas e alimentos.

São bons caçadores e pescadores. A caçada pode durar horas, ou um dia inteiro, ou mesmo semanas. As mulheres gostam de ir junto e às vezes levam crianças. Mulheres e crianças esperam em pontos combinados enquanto que os homens se embrenham na caçada propriamente dita. Há várias técnicas de caça, como armadilhas e esconderijos, em que o caçador imita o barulho de alguns animais até responderem ao chamado. A caça é preferencialmente feita com arma de fogo, pois alegam que as taquaras para flechas são hoje difíceis de encontrar.

Após a caçada, a carne, o peixe moqueado e os frutos são distribuídos de acordo com a proximidade de parentesco.

As caças mais valorizadas são o porco queixada, o tatu e, para as mulheres com filhos recém-nascidos, o inambu (várias espécies de aves da família dos tinamídeos, muito apreciados). Também comem mutum, caititu, jacu, tamanduá e alguns tipos de macaco, tendo especial predileção pelo quata.

Há, porém, algumas espécies de macacos que constituem o nosso tabu alimentar, assim como o são a onça, o jabuti, a anta, o jacaré e, para os *Gamep*, o veado e a cotia (mas hoje esta já é consumida, assim como a paca, que deixou de ser tabu alimentar). Os veados, os tamanduás e as antas particularmente são proibidos às crianças (sendo os dois últimos também interdito aos jovens). O jacamim só é permitido aos velhos. Os *Paíter* também não comem nenhum réptil ou anfíbio, tampouco, gavião, rato, morcego, patos e marrecos, socós, tucanos e capivara.

Segundo os anciões, os peixes consumidos pelos *Paíter* são os de escamas, pois os de couro são considerados vetores de doenças. Apenas o poraquê pode ser utilizado, já que é considerado um peixe especial. Os principais rios piscosos usados pelas comunidades *Paíter* são: rio Branco, rio Lobó, rio Gapó e rio Ribeirão. Igarapés pequenos próximos das aldeias são usados, principalmente pelas crianças, para a pesca com arco e flecha.

O uso do timbó é também um método tradicional de pesca no período de seca dos leitos dos rios. O anzol, linhas de náilon e tarrafas foram introduzidos e são hoje os métodos mais comuns da pesca.

1.5.1 As roças

Figura 6 – Preparando a roça para o plantio



Fonte: Do autor, 2016.

A cooperação na roça envolve diversas regras entre as linhagens *Paíter*. A identidade entre trabalho e organização social se expressa quando toda a maloca parte em conjunto para a roça, ou pela obrigação de cada homem oferecer alguns dias de trabalho na roça de seus parentes não co-residentes. Assim, irmãos casados se ajudam quando moram em casas diferentes; genros ajudam os sogros; cunhados vão à roça do marido da irmã, seu sogro potencial.

Portanto, hoje em dia, as roças estão sendo muito individualizadas pelas famílias. Cada uma procura fazer e manter a sua roça, produzindo o bem que entender neste espaço, como: lavoura de café, banana e cacau.

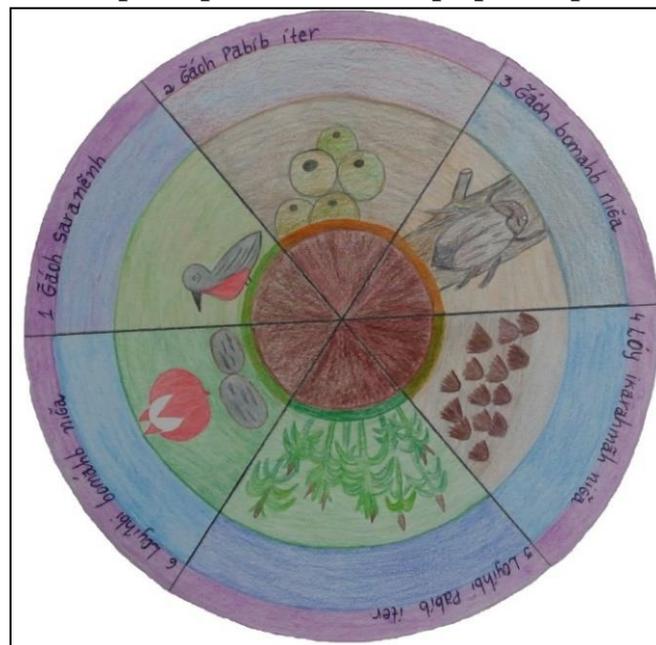
CAPÍTULO II – O TEMPO PARA O POVO PAÍTER

Na concepção do povo *Paíter*, o tempo são os momentos especiais em que são praticadas as suas atividades culturais tradicionais dentro desses intervalos, por sua vez, esses períodos de tempo são determinados por seus marcadores. Na visão dos *Paíter*, em cada período de tempo existem diferenças de suas características. Pode haver a diferença em relação ao sol, lua, estrela e até os momentos de chuvas, que são muito importantes para os *Paíter* e para a própria natureza. Acompanhar o tempo é muito importante para a organização da vida social e política interna da comunidade.

2.1 Fases do ciclo temporal do povo *Paíter*

Para os *Paíter*, a organização do tempo já veio com a criação mundo. Conforme o “*Palob*”, Deus ia criando as coisas existentes, já organizou como poderia ser o ciclo do tempo para os *Paíter*. Do mesmo modo, criou os seus indicadores, por meio dos quais são comunicados o início e o fim de cada ciclo. Os marcadores de tempo são elementos da própria natureza como; os animais, pássaros e características das folhas, flores e frutos das árvores que são indicam todas essas organizações do tempo.

Figura 7 – As principais fases do tempo para o povo *Paíter*.



Fonte: Do autor, 2015.

Na cultura do povo *Paíter*, o tempo é organizado em seis fases cíclicas, dentro das quais existem os marcadores específicos para cada uma delas. São esses indicados que marcam os momentos especiais dentro da cultura do povo que acontece no dia a dia da comunidade, que são as suas práticas, visões e cosmologias. Principalmente, para acompanhar as passagens do tempo em suas visões, que poderia ser semanas, meses e ano como ocorre na cultura da sociedade não indígena. Para os *Paíter* o início, meio e o fim de cada fase tem os seus indicadores, o que facilitam o acompanhamento, e para que as comunidades se preparem para os momentos especiais quando houver.

2.2 Primeira Fase: *Gáoh Saráneh* (início do ciclo com formação da roça)

Figura 8 – Início da preparação da roça.



Fonte: Do autor, 2015

Para o povo *Paíter*, o tempo cíclico inicia com a formação das roças novas que é conhecida como *gáoh saráneh*. Sob a responsabilidade do líder do momento, o local é escolhido e varia conforme as condições da terra. Para os *Paíter* existem vários tipos de terra, portanto, o que eles consideram uma terra boa é a de cor avermelhada. Depois de todo este processo de escolha, a comunidade é convidada pelo líder e seus irmãos para a roçada, também, dos grupos são escolhidos no mínimo quatro pessoas para fazerem as divisas da

roça enquanto os demais trabalham, iniciando pelo centro dela. Este trabalho acontece como parte da vivência e alegria do povo, por quais razões são feitas as bebidas para eles tomarem durante o trabalho.

2.2.1 Marcador de *Gáoh Saráneh*

A época da fase *Gáoh Saráneh* do ciclo temporal é o início do ano para os *Paíter*, que é indicado pelos seus marcadores. Nesta época, o tempo começa a secar, dando as primeiras características. O marcador principal desta fase é o assobio de um pássaro da região que é conhecido pelos *Paíter* como *Ĝaoh Úhb*. Um pássaro preto de peito vermelho, que com seu assobio, comunica que esta fase já chegou.

Existe outro pássaro conhecido como *Kára Petxuhg Txuhg* que também assobia quando esta fase se inicia. Portanto, os *Paíter* nunca identificaram como é esta ave. Depois de estes dois pássaros assobiarem, segundo os *Paíter*, é que os demais também começam assobiar fazendo estes cantos até a fase completa.

2.3 Segunda Fase: *Gáoh Pabíb ítehr* (Queimada da Roça)

Figura 9 – Roça sendo queimada para o plantio



Fonte: <http://www.ecodebate.com.br/foto/queimada20.jpg>

A segunda fase cíclica do tempo é conhecida pelos *Paíter* como *Gáoh Pabíb ítehr*. É uma fase que de muita importância como as demais fases. A diferença está no tempo de muita fatura e colheita da produção das roças. Devido a estas colheitas, todos estão envolvidos em

fazer xixa (uma bebida fermentada de cará, milho e mandioca). Esta época do tempo costuma estar muita seca, a temperatura da luz do sol fica bem elevada, provocando evaporações do nível dos rios.

Quando os níveis dos rios vão baixando, facilita a pesca tradicional que é por meio de timbó (cipó específico). Esta fase é o momento em que todos estão ocupados com o trabalho da pesca e caça, ficando uma ou duas semanas fora da comunidade. Só voltam quando conseguirem fazer a caça e pesca suficiente para a família e para todos componentes da aldeia. Quando chegam ao local da aldeia, encontram outros grupos que estão à espera com a xixa (uma bebida fermentada de inhame, cará ou milho).

Depois de toda esta festa, para completar a fase, tem o costume de fazer a queimada das roças. Antes da queimada, é feita uma pintura em volta da boca com a corante de urucum, feito isso, é colocada a pena de arara no nariz entre os orifícios. Durante a queimada, são feitos os gestos de assobios que pedem para velocidade do vento aumentar para que a chama do fogo aumente e queime bem a derrubada.

2.3.1 Marcadores de *Gáoh Pabíb ítehr*

Como podemos perceber, esta fase do ciclo temporal é mais explorada pelo povo *Paíter* pelas suas características como: os níveis dos rios, friagem noturnos entre outros, etc. Portanto, o que mais marca esta fase para os *Paíter* é o tempo da safra da castanha verde (uma fruta amazônica). Todos se envolvem na coleta da castanha verde na sua época, que acontece depois das queimadas das roças. E assim que a castanha fica madura é que finaliza o tempo desta fase.

2.4 Terceira Fase: *Gáoh Bobmáhb* (Limpeza da Roça)

2.4.1 Marcadores de *Gáoh Bobmáhb*

O que leva os *Paíter* a se dedicarem a estes trabalhos desta fase, como marcador deste tempo, é o canto das cigarras. Quando as cigarras começam a cantar, para os *Paíter* eles estão chamando a chuva.

2.5 Quarta Fase: *Lóy Ikaráhmāhniga* (primeiras chuvas e plantios)

Figura 11 – Início do plantio.

Fonte: Do autor, 2016.

A quarta fase é conhecida como *Lóy Ikaráhmāhniga*, uma das fases muito esperada pelos *Paíter*. Nesta época, acontecem as primeiras chuvas do ano e, é nesse momento, que são feitas as plantações da roça.

No primeiro momento, são plantados os inhames, carás, mandiocas e batata doce, depois vem o milho e, por último, o amendoim.

Depois das plantações, o povo *Paíter* começa a fazer a coleta do mel, pois é nessa época que é encontrado em grande quantidade, tornando, assim, a principal atividade desta fase. Durante o decorrer da fase é de costume dos *Paíter* fazerem mutirão para construir as malocas (casas tradicionais) para que eles possam estar preparados para receber o tempo chuvoso, portanto, todos estão atarefados em fazer ou ajudar uns aos outros.

Esta fase do ciclo do tempo apresenta estas características que são de suma importância para os *Paíter*.

2.6 Quinta Fase: *Loyíhbi Pabíb íhter* (milho verde)

Figura 12 – Plantação de milho do povo Paíter



Fonte: Do autor, 2016.

Existe outra fase de tempo que chamamos de *Loyíhbi Pabíb Íhter*. Essa fase do tempo é caracterizada pela sua pobreza na visão dos *Paíter*.

Segundo eles, esta é a época em que é mais frequente a falta de alimentos, pois é a época que ainda os alimentos estão em desenvolvimento. O tempo é muito chuvoso, o que dificulta a realização dos seus afazeres, como trabalho artesanal, agricultura, caça e pesca. Existe também um nome específico para este ciclo de tempo que é conhecido como *lág*, que quer dizer, o período de mais escassez de alimentação.

Finalizando esta etapa do ciclo de tempo, tem como seu marcador a festa do milho verde. Sempre é promovida quando as espigas estão prontas para o consumo, assim consomem elas assadas, espigas crocantes, mingau, entre outras. O milho verde é um sinal de comunicação para toda a comunidade, por que significa que, a partir daquele momento não haverá mais a escassez de alimentação.

2.7 Sexta Fase: *Loyíhbi Bobmáhb* (estoura da semente da seringueira)

Figura 13 – Semente da seringueira



Fonte: http://www.baixaki.com.br/imagens/wpapers/BXK1250_semente-de-seringueir-2-olimpia-sp800.jpg

Finalizando as etapas do ciclo temporal do povo *Paíter*, temos mais um ciclo que é conhecido como *Loíhbi Bomáhb*. Neste período, o tempo começa adentrar ao período de seca, apesar de que ainda chove um pouco. O tempo é marcado pelas estouras das sementes das seringueiras (*barkáhba*), e também quando a fruta do breu (árvores nativas da região *abér-ah*) está madura e em fase de cair.

Outros marcadores deste ciclo são os lagartos (*goxiehy*) que andam em conjunto e, dessa maneira, comunica que as caças estão gordas.

Existe também uma espécie de árvore que chamamos de *motigohr*, que produz fruta. Quando as frutas dessa árvore caem do pé, é um indicativo de que é o sinal da próxima fase cíclica, o início da seca. Assim, cada etapa do ciclo de tempo para o povo *Paíter* é conhecido e indicado pelos marcadores da cultura ou da natureza e pelas suas características.

2.8 O tempo para mulheres *Paíter*

Figura 14 – Mulheres Paíter, aldeia Apoena Meirelles



Fonte: Romero Mopidapenem Suruí, 2011.

Enquanto os homens acompanham o tempo, de modo do seu conhecimento, as mulheres *Paíter* possuem seus entendimentos do espaço em que convivem, de maneira que também entendem que precisam acompanhar o tempo por seus afazeres ou até mesmo para o cuidado do próprio corpo.

Um exemplo de cuidado com o corpo é que elas observam e acompanham o ciclo menstrual através das fases da lua. Cada mulher sabe em que momento da fase da lua será a sua menstruação e é através dessa observação que começa a preparar o local onde será o resguardo.

Na maioria das vezes, segundo elas, dizem que costuma ser nas luas cheias. Então a lua é o principal marcador de tempo para as maiores das mulheres. O período da primeira menstruação identifica que a menina atingiu a idade de se tornar moça e momento de preparar o seu corpo, também os hábitos de como será o seu perfil de mulher.

Por esta razão, elas passam um período de resguardo de aproximadamente seis meses dentro de uma maloca, onde ela passa a receber a educação diferenciada dos próprios pais. Também a sua alimentação é somente dos derivados de milho, como suco e mingau.

Depois de ela atingir e adequar a esses hábitos, os pais pedem ao futuro marido fazer a pintura corporal da moça e já sai casada do local onde estava para a casa do tio (marido).

2.9 O tempo para crianças *Paíter*

Para as crianças, o tempo é de suma importância, porque é o momento em que eles acompanham seus pais para ajudá-los e aprender os seus afazeres. É o momento em que eles iniciam a prática da cultura, participando juntamente com seu pai ou a sua mãe das atividades. É o tempo em que eles recebem a educação milenar do seu povo, ficando prontos para sair e cumprir obrigações junto à sociedade em que vive, demonstrando que está apto a cumprir com seus deveres perante a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa e o estudo sobre os “Marcadores de tempo do povo *Paíter*” proporcionou uma ampla visão de novos conhecimentos sobre ela. Até o momento, antes destes levantamentos de conhecimento, não havia tantas informações sobre o tempo e os seus marcadores. Portanto, a partir do primeiro passo desta pesquisa, houve muitas indagações, que resultaram em muitas informações importantíssimas para novas gerações do povo *Paíter*.

Acredito que hoje, embora, as pessoas das próprias comunidades não darem créditos e importância a esses conhecimentos, tenho certeza de que um dia voltarão ao tempo passado para identificar e começar a praticar a cultura que foi deixada de lado.

Para que isso ocorra no futuro é preciso se ter registros verdadeiros, por meio de gravações e anotações e, isso, esta pesquisa procurou obter o máximo possível. Apesar de ainda existir muitas coisas novas a descobrir, esta pesquisa levantou e registrou as informações exploradas, registros estes, que poderão ser transformados em livros para que sejam proveitosos nas escolas e nos espaços onde os jovens podem ter acesso. E isso foi possível com a ajuda da comunidade, principalmente, com a ajuda dos anciões, que são a raiz dos saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: Arte ou Técnica de Explicar e Conhecer - São Paulo: Série Fundamentos - Editora Ática, 1990.

GAMEB PAÍTER – Disponível em <http://gasodaSuruí.blogspot.com/2011/09/paiter-iaama.html>. Acessado em 13/03/2015.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL (ISA), 2012. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Suruí-paiter/print>. (Acessado em 10/02/2015).

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Suruí-paiter/print>. Acessado em 15/03/2015.

MATO GROSSO (Estado). **Regimento Interno do Conselho de Educação Escolar Indígena**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 1995.

_____. **Projeto de Cursos de Licenciatura para a Formação de Professores Indígenas**. Cuiabá: Governo do Estado, 2000.

http://www.kaninde.org.br/wpcontent/uploads/2015/11/etnozoneamento_surui_1334547167.pdf

CONSULTORES NATIVOS

José Itabira Suruí

Nema Suruí

Robiab Suruí